

MARDUK X YHWH: DUELO DE GIGANTES

Armando Rafael Castro Acquaroli

Resumo

Vivemos num mundo em que os conflitos são muito frequentes e de todos os tipos. Isso é, infelizmente, parte da natureza humana. No entanto, parece que tais conflitos também ocorriam entre os deuses antigos. Neste artigo intenta-se mostrar como se deu a relação entre duas grandes deidades. De um lado, Marduk, senhor do céu e da terra, e protetor da Babilônia. De outro, Yhwh, senhor dos exércitos, cultuado pelos israelitas. Numa difícil e disputada batalha, é complicado dizer quem é o vencedor.

Palavras-chave: *Deidades. Marduk. Javé. Conflitos.*

Abstract

We are living in a world frequently assailed by all kinds of conflicts, due unfortunately to human nature. Nonetheless, these conflicts occurred as well among ancient pagan deities. In this article we attempt to show how two of the major deities were related. On one side was Marduk, lord of heaven and earth, as well as tutelary deity of Babylon. On the other side was Yhwh, lord of hosts, revered by the Israelites. In difficult and disputed battles it was quite complicated to say who was victorious.

Keywords: *Deities. Marduk. Yaweh. Conflictts.*

Numa época marcada por tantos confrontos entre nações, religiões, culturas, políticas e ideologias vem à tona uma das grandes lutas do passado: a luta entre os deuses. Neste breve ensaio interessa-nos, sobretudo, o conflito protagonizado por dois, dentre os maiores da história da religião, a saber, Marduk, divindade babilônica, e Yhwh, Deus dos judeus.

Marduk: vencedor de Tiamat

Marduk parece ter sido originalmente o deus sumério Amar-Utuk, ou seja, “Coxa do deus-Sol”¹, que se tornou tutelar da Babilônia quando sentiu-se a necessidade de se ter um deus mais poderoso, num estado que se tornava cada vez mais forte.

Após usurpar o trono de seu pai, Bel, Marduk é “revestido” de sabedoria pelos seus adoradores, ainda que continuasse a ser um deus predominantemente agrário, pois seu emblema primitivo é *marru*, isto é, a pá². A seguir, experimenta a mesma sorte que havia infligido a seu predecessor. Seu filho, *Nabu*, deus das letras e possuidor das tabuinhas do Destino, o afasta da cidade de Borsippa.

Mas a vida divina não é tão simples, e logo outros problemas “familiares” tomam forma na história do deus em questão. Dessa vez, a tranquilidade paradisíaca é ameaçada por Tiamat. Ela era uma espécie de deusa-dragão com cujo parceiro, Apsu, havia gerado outros deuses que lhe incomodavam. A solução encontrada por ela foi muito simples: matar todos os filhos.

Contudo, como em toda saga, é preciso que surja um herói. Aqui entra em cena o grande Marduk, o qual, de acordo com o poema acádico *Enuma Elish*, recebe a incumbência de lutar contra esse enorme monstro do caos. A tarefa lhe é dada pelo conselho dos deuses que se haviam reunido e, depois de lhe prometerem a soberania, lhe delegam os poderes para tal repto.

Quando estão frente a frente para o derradeiro combate soa a voz forte de nosso herói:

Prepara-te. Que tu e eu combatamos. Tiamat, ao ouvir estas palavras, fica fora de si, perde a razão, e chora. Tiamat chora, no paroxismo do furor, treme profundamente sobre si mesma; ela recita um encantamento, pronuncia sua fórmula mágica, e os deuses do combate consultam suas armas. Eles, Tiamat e Marduk, o sábio entre os deuses, se preparam, então, para o combate; caminham, aproximando-se para a batalha! Marduk, o senhor, estende sua rede, e os envolve; lança o furacão maligno, que se eleva atrás dele, em face de Tiamat. Ela abre a boca o máximo que pode, e ele faz penetrar ali o mau furacão, de modo que ela não possa cerrar os lábios; os terríveis furacões enchem seu corpo, seu coração é agarrado, e ela mantém a boca escancarada. Ele lança uma flecha que perfura seu ventre, atravessa suas entranhas, fende seu coração, reduzindo-a à impotência e destruindo sua vida. Derruba seu cadáver, ficando em pé sobre ele³.

1. Cf. MESSADIÉ, Gerald. *História Geral do Diabo: Da Antiguidade à época contemporânea*. Tradução Alda Sophie Vinga. Europa-América, 2001, p. 124.

2. Cf. CONTENEAU, Georges. *A civilização de Assur e Babilônia*. Rio de Janeiro: Forni, 1979, p. 92.

3. CONTENEAU, 1979, p. 91-92.

Na crença babilônica, ainda bastante animista, o deus Marduk, também chamado Enlil, devido a sincretismos, representava os ventos e a sua rival derrotada, a água⁴. Por isso, continua o mito, Tiamat teve seu corpo fendido em dois grandes pedaços com os quais o vitorioso combatente formou, de uma parte, os céus, e, de outra, os mares. Em outras palavras, as “*águas de cima e de baixo*” (cf. Gn 1,7).

Sendo um deus tão poderoso a ponto de subjugar o caos, expresso no que Gunkel chamou de *Chaoskampfmythos*, Marduk tomou para si outros atributos de deuses vizinhos a ele. A tal ponto que se dizia num poema babilônico:

Urash é Marduk da plantação
Lugalida é Marduk do abismo
Ninurta é Marduk da picareta
Nergal é Marduk da batalha
Zabala é Marduk da guerra
Enlil é Marduk do senhorio e da consulta
Nabu é Marduk da contabilidade
Sin é Marduk que ilumina a noite
Shamash é Marduk da justiça
Adad é Marduk da chuva
Tishpak é Marduk das tropas⁵.

Isso significa que, embora existam, no panteão babilônico, outros deuses, um dentre eles é o mais forte, pois assume os poderes de outros. Seu domínio se estenderá inclusive sobre os povos que viviam no disputado território da Palestina. Ali, uma das divindades que vinha ganhando fiéis era justamente Yhwh.

Yhwh sai das sombras

Antes de tratar propriamente da disputa, convém ressaltar que a ascensão de Yhwh como Deus que tudo governa e cuja jurisdição afeta, sobretudo, a Israel, se deu num longo processo. Partimos do pressuposto de um politeísmo primitivo que perde espaço com Ezequias (716-687 aC), o qual torna Yhwh o Deus nacional. Em seguida, Josias (640-609 aC) com o henoteísmo centraliza o culto em Jerusalém. Por fim, após o exílio da Babilônia (587-537 aC), o monoteísmo se consolida de modo absoluto, com a ideia de que os outros deuses são vãos (*'elil*) (cf. Sl 95(96),5-7).

4. Cf. COVENSKY, Milton. *The Ancient Near Eastern Tradition*. New York, London: Harper e Row, 1966, p. 14.

5. LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008, p. 256.

Yhwh, antes de se tornar o Deus tutelar de todo o povo de Israel, parece ter sido cultuado em outros povos. Uma tese bastante difundida é de que tenha vindo das montanhas:

Yhwh era a divindade principal, não de todo o povo madianita, mas somente de uma parte, localizada na região montanhosa do Negeb central. A exata extensão deste culto madianita é impossível de ser precisada, mas não é necessário supor que se tenha estendido a toda a população madianita a oeste da “Arabah, então provavelmente ocupada pelos *b^ene-‘esaw* (filhos e Esaú). Poderia estar limitado à região da montanha de Deus, o Horeb”, chamada, ao que parece, uma única vez em Nm 10,33, “montanha de Yhwh”⁶.

Isso parece ser confirmado pelo epíteto de 1Rs 20,23 “*o Deus deles é um deus das montanhas*”.

Tais fatos nos levam à experiência fundamental do êxodo em cujo bojo estaria a revelação, que se dá justamente no “*’El-har*” (Monte de Deus: Ex 3,1). Ali a famigerada teofania desvela o que caracteriza a autodefinição de Yhwh em Gn 3,14: “Eu sou aquele que é” (*’hyh ’šr ’hyh*). As discussões sobre a etimologia são infundáveis, porém é sensato considerar que o nome Yhwh “*se compõe do imperfeito causativo do verbo amorita-hebraico hwy, ‘ser’. (...) é uma forma abreviada de um nome fraseado, tirado de uma fórmula cultual*”⁷.

Hipoteticamente, teria sido o sogro de Moisés quem “exportou” seu Deus, a partir do que se constata em Ex 18,11: “*Agora sei que Yhwh é maior que todos os outros deuses*”. Por isso, “*tudo parece indicar que Moisés era henoteísta*”⁸.

Mesmo sabendo que a oficialização do culto será posterior na história de Israel,

Não faltam, de qualquer forma, testemunhos extrabíblicos do culto de Yhwh: nas estelas de Mesa, rei de Moab, mencionado também em 2Rs 3,4-27, estela do fim do IX século aC, Yhwh vem citado explicitamente como Deus de Israel na linha 18. Testemunhos se encontram também em vários *ostraka* (cacos de cerâmica) do fim do oitavo século aC provenientes da Praça Forte de Lakis⁹.

6. RENDTORFF, Rolf. *Teologia dell’Antico Testamento*. v. 2. Traduzione italiana Marco di Pasquali. Torino: Claudiana, 2003, p. 38. Cf. também LEMAIRE, André. *La nascita del monoteísmo*. Traduzione italiana Paolo Bernardini. Brescia: Paideia, 2005, p. 39.

7. CROSS JUNIOR, F.M. *Javé e os deuses dos patriarcas*. In GERSTENBERGER, Gerhard (org.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1981, p. 89.

8. ROWLEY, H.H. *Moisés e o Monoteísmo*. In *Ibid*, p. 109.

9. SOGGIN, J. Alberto. *Israele in epoca biblica: istituzioni, feste, cerimonie, rituali*. 2. ed. Torino: Claudiana, 2001, p. 31 (Tradução minha).

Um dos genitivos muitos utilizados para Yhwh é “*dos exércitos*” (235 vezes!). *Tsebaot* estaria em relação com os mitos antigos circunstantes de Israel e significaria “*hostes do céu*”. Neste caso Yhwh seria aquele que cria os exércitos celestes. Obviamente se ele comanda as forças telúricas, seu poder se estende também à terra. Logo, a divindade beligerante também, aos poucos, constitui seu “império” *hic et nunc*.

Nessa formação é necessário que haja um rei forte na guerra e exemplar para os povos. Yhwh escolhe Davi (cf. 1Sm 16,12). Também é mister que sua sabedoria se difunda sobre a terra. E Salomão é agraciado (cf. 1Rs 3,12). Com a constituição de um lugar para a morada divina tudo se completa e a soberania universal de Yhwh se consolida sobre todos, inclusive os outros deuses, dentre os quais Marduk.

Marduk X Yhwh: uma difícil disputa

Analisando objetivamente os eventos ocorridos na Palestina no período de dominação da Babilônia poder-se-ia dizer que o grande vitorioso foi Marduk sobre Yhwh. No entanto, a historiografia bíblica nos apresenta outra versão dos fatos. Segundo ela, tudo que aconteceu ao “povo eleito” foi por vontade de seu Deus. Assim, mesmo as desgraças pelas quais o povo passou teriam sido em decorrência da desobediência dos mandamentos prescritos por seu Deus.

Um fato curioso é que nas lutas que se sucediam entre os povos, os quais guerreavam sob a proteção de seus deuses, o deus perdedor tinha sua imagem destruída ou roubada¹⁰. Porém, o aniconismo que veio se instaurando pouco a pouco entre os judeus tornara impossível a conquista de Yhwh. Se considerarmos que quando Marduk e seus sequazes invadiram Jerusalém em 587 aC eles não encontraram nenhuma imagem de seu Deus, pode-se imaginar a “revolta” do vencedor que não pôde se apropriar de seu espólio mais valioso: o deus perdedor.

Considere-se, porém, que o pressuposto para os argumentos que se seguem é que mesmo os outros deuses (como El, Elohim, El Shadday...) na verdade foram assimilados por Yhwh. Assim, por exemplo, a criação de Gênesis feita por El, deve ser entendida como feita por Yhwh, devido à unificação feita no processo de instauração do monoteísmo.

Além disso, o modo como se apresentam muitos textos bíblicos parecem denotar semelhanças entre Yhwh e Marduk. Desta feita, o primeiro seria muito mais forte e poderoso que o segundo. Já na cena da criação do mundo encontram-se vestígios disso, conforme explanado com detalhes por Gunkel e confirmado

10. Cf. GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Tradução Anacleto Alvares. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988, p. 299.

por Rendtorff. Mesmo sabendo-se que nem todos compartilham desta tese¹¹, parece ser assaz pertinente.

Em Gn 1,2 “*a terra estava informe e vazia (tohû wabohû)*”. Por trás do caos primordial que antecede a criação parece estar a ideia do Tehom, que é imediatamente associado à Tiamat. Porém, o Criador não precisou travar uma batalha grandiosa para vencer o caos.

A arma utilizada em Gn 1 é a Palavra. Isso vem expresso ainda mais claramente no Sl 104, no qual Deus, com sua voz tonante, força o Tehom, que aqui, como em Gn 1,2, é equiparado às águas, a retirar-se e a dar lugar à terra emersa (v. 6-8). Aqui o elemento da batalha é muito mais patente que em Gn 1. Ao mesmo tempo, torna-se ainda mais claro que as potências inimigas da criação não desapareceram. Deus põe um limite que não lhes é lícito ultrapassar (v. 9; cf. Jr 5,22). Também em Gn 1 Deus pôs a água dentro de limites, e antes, sob um duplo aspecto: de um lado, mediante a arcada do “firmamento”, Deus “distingue” (“separa” *hibdil*) entre as águas de cima e de baixo (v. 6-10). De outro lado, delimita para as águas de baixo determinados territórios, de forma que a potência destrutiva da água do caos ainda persiste. De fato, com a permissão do criador, o “grande Tehom” irrompe de baixo, e as águas reunidas no alto caem “como cascatas” (Gn 7,11), devastando toda a criação¹².

O próprio fato de o texto da criação falar de tudo que existe no mundo ser criatura de Deus é uma forma de afrontar o deus rival dos israelitas. Assim, por exemplo, como forma de revolta contra os deuses *Sol* (Marduk) e *Lua* (Sin), o texto fala só em duas grandes lâmpadas (*me'orot*). Isso porque na Babilônia bastava alguém pronunciar os nomes *Sol* e *Lua*, o povo já inclinava a cabeça em adoração¹³. Para os judeus, porém, tais astros deixaram de ser animados e Marduk, conseqüentemente, ficou sob Yhwh.

Outro elemento que parece confirmar a semelhança entre as histórias de Marduk e Yhwh é no que se refere ao termo *Raqia'*, isto é, firmamento. A acepção babilônica o considerava “*como uma pele de tenda, ou como uma lâmina de cristal luzente no qual são penduradas as estrelas* (Gn 1,6-8; Ex 24,10; Is 34,4)”¹⁴. Mas é interessante notar que, em hebraico, a expressão tem o significado de fender, rasgar¹⁵. Seria essa uma hipotética alusão a Tiamat, cujo corpo foi “rasgado” em dois?

11. VV. AA. *The New Interpreter's Bible: General articles & Introduction, commentary & Reflections for each book of the Bible*. v. 1. Nashville: Abingdon, 1994, p. 344-345.

12. RENDTORFF, 2003, p. 20 (Tradução minha).

13. Cf. MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. *A terra é nossa mãe: Gênesis 1-12*. São Leopoldo: CEBI, 2007. p. 44.

14. TESTA, P.E. *La Sacra Bibbia: Genesi Introduzione – storia primitiva*. Traduzione italiana Salvatore Garofalo. Roma, Torino: Marietti, 1969. p. 32 (Tradução minha).

15. Cf. KERR, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. Rio de Janeiro: Juerp, 1979, p. 140.

Em alguns Salmos também ecoam atributos que outrora eram de Marduk. No Sl 89,10, por exemplo, encontra-se “o soberano que domina toda a terra”. Isso quer expressar que “o domínio de Deus sobre o mundo e as forças da natureza louvam o criador que subjogou o caos ao criar o cosmo”¹⁶. Já no Sl 30,5 está uma expressão muito similar à encontrada num hino ao deus babilônico: “Marduk, cuja ira dura um momento”¹⁷.

Também sobre o livro de Ester encontra-se uma tese interessante, defendida por Jensen:

Ele mostrou provas de que “Haman” é o nome do deus maior Emaite (*Humba = Humba = Humman*) e uma tal de “*Vashti*”, a rainha morta na narrativa de Ester, era também o nome de uma deusa elamita. Além disso, ele liga a deusa *Kirisa*, a deidade consorte de *Humman*, com *Zeres*, esposa de *Haman*. Outrossim, ele liga Mordecai com Marduk e Esther com Istar, a última comparação é suportada pela observação de que mesmo o nome de Ester, i.e., “a (enfeitada com) murta”, provavelmente tem sua origem na palavra babilônica “noiva” – *Hadassatum*. Daí decorre que Jensen afirma que a história de Esther é um mito babilônico¹⁸.

Os exemplos poderiam continuar em outros textos, mas este ensaio quer mostrar apenas como Marduk foi sendo suplantado no imaginário israelita, sobretudo por meio da literatura bíblica. O cume, porém, parece ter sido quando o grande Império da Babilônia, sob tutela do seu deus, esvaiu-se diante da Pérsia. Para os judeus, foi a vitória definitiva de seu Deus contra a nação que tanto os oprimiu.

Parece que o ciclo de lutas continua interruptamente entre os deuses que defendem seus territórios. Marduk vence Tiamat. Yhwh vence Marduk. Zeus vence Yhwh. Jesus vence os pagãos. Alá vence Jesus. A partir do momento em que surgem novas conquistas, novos deuses tomam o poder e assumem seu reinado.

Mas o Deus no qual acreditamos é mesmo um combatente e todos nós, seres humanos, continuamos relegados não mais a um palco como queria Shakespeare, mas a um campo de batalha? O verdadeiro Deus promove a vida e é melhor caracterizado justamente por Jesus de Nazaré, o qual veio para que “*todos tenham vida, e a tenham em abundância*” (Jo 10,10).

16. STADELMANN, Luis. Salmos de Protesto (Sl 44; 80; 89). In *Encontros Teológicos* n. 66, Florianópolis, 2013, p. 142.

17. LIVERANI, 2008, p. 206.

18. GUNKEL, Herrmann. *Creation and Chaos in the primeval era and the eschaton: A religio-historical study of Genesis 1 and Revelation 12*. Translated by K. William Whitney Jr. Cambridge: Eerdmans, 2006, p. 198 (Tradução minha).

Bibliografia

- CONTENEAU, Georges. *A civilização de Assur e Babilônia*. Rio de Janeiro: Forni, 1979.
- COVENSKEY, Milton. *The Ancient Near Eastern Tradition*. New York, London: Harper e Row, 1966.
- CROSS JUNIOR, F.M. *Javé e os deuses dos patriarcas*. In GERSTENBERGER, Gerhard (org.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1981.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Tradução Anacleto Alvares. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988.
- GUNKEL, Herrmann. *Creation and Chaos in the primeval era and the eschaton: A religio-historical study of Genesis 1 and Revelation 12*. Translated by K. William Whitney Jr. Cambridge: Eerdmans, 2006.
- KERR, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. Rio de Janeiro: Juerp, 1979.
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.
- MESSADIÉ, Gerald. *História Geral do Diabo: Da Antiguidade à época contemporânea*. Tradução Alda Sophie Vinga. Europa-América, 2001.
- MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. *A terra é nossa mãe: Gênesis 1–12*. São Leopoldo: CEBI, 2007.
- RENDTORFF, Rolf. *Teologia dell'Antico Testamento*. v. 2. Traduzione italiana Marco di Pasquali. Torino: Claudiana, 2003, p. 38. Cf. também LEMAIRE, André. *La nascita del monoteísmo*. Traduzione italiana Paolo Bernardini. Brescia: Paideia, 2005.
- ROWLEY, H.H. *Moisés e o Monoteísmo*. In *Ibid.*
- SOGGIN, J. Alberto. *Israele in epoca biblica: istituzioni, feste, cerimonie, rituali*. 2. ed. Torino: Claudiana, 2001.
- STADELMANN, Luis. *Salmos de Protesto (Sl 44; 80; 89)*. In *Encontros Teológicos* n. 66, Florianópolis, 2013.
- TESTA, P.E. *La Sacra Bibbia: Genesi Introduzione – storia primitiva*. Traduzione italiana Salvatore Garofalo. Roma, Torino: Marietti, 1969.
- VV.AA. *The New Interpreter's Bible: General articles & Introduction, commentary, & Reflections for each book of the Bible*. v. 1. Nashville: Abingdon, 1994.

Armando Rafael Castro Acquaroli
Rua Ipiranga, 227 – Centro.
Barra Velha, SC
CEP 88390-000